



Material Educativo

CRIA COR AGEM

Histórias das Infâncias
e Adolescências Brasileiras

CRIA
CORA
GEM



QUEM FAZ

Idealização

Ana Cristina Cintra

Elisa Bracher

Direção e roteiro

Alícia Peres

Codireção e montagem

Julia Rufino

Pesquisa, concepção criativa e direção de sonoplastias

Luiza Akimoto

Coordenação de pesquisa

Alexandre Kishimoto

Produção e pesquisa

Helô Feliciano

05	Quem Somos
17	Nossa trilha: o Podcast Cria Histórias
24	Nosso convite neste material
31	Episódio 01 - Quem cuida?
37	Conto Iorubá <i>Os Irmãos Ibejis venceram a Morte</i>
45	Atividade <i>Café com Coragem</i>
55	História - Depoimento <i>A menina Kapiékran</i>
59	Reflexão <i>As concepções de infâncias no tempo</i>
64	História <i>A Roda dos Expostos</i>
69	História <i>Quem cria, Madrinhas Eunices</i>
75	Poética <i>Mulheres, matriarcas e quintais de proteção</i>
83	História <i>Mãe Beth de Oxum</i>
87	Reflexão final <i>Pra recomençar, infância é terreno em que se pisa a vida inteira</i>
92	Presenciou alguma violência contra crianças e adolescentes?
94	Nossas referências

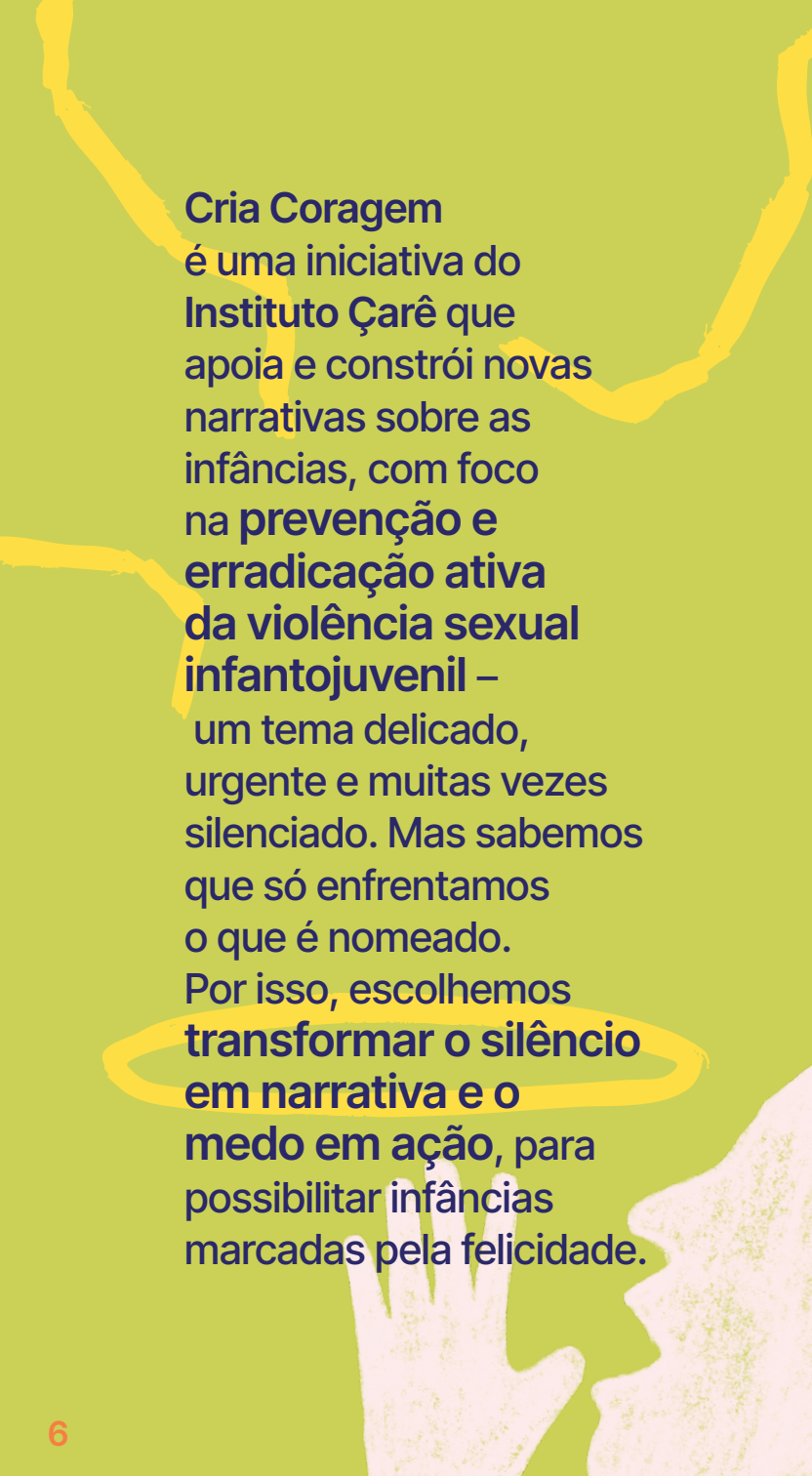


NAWA

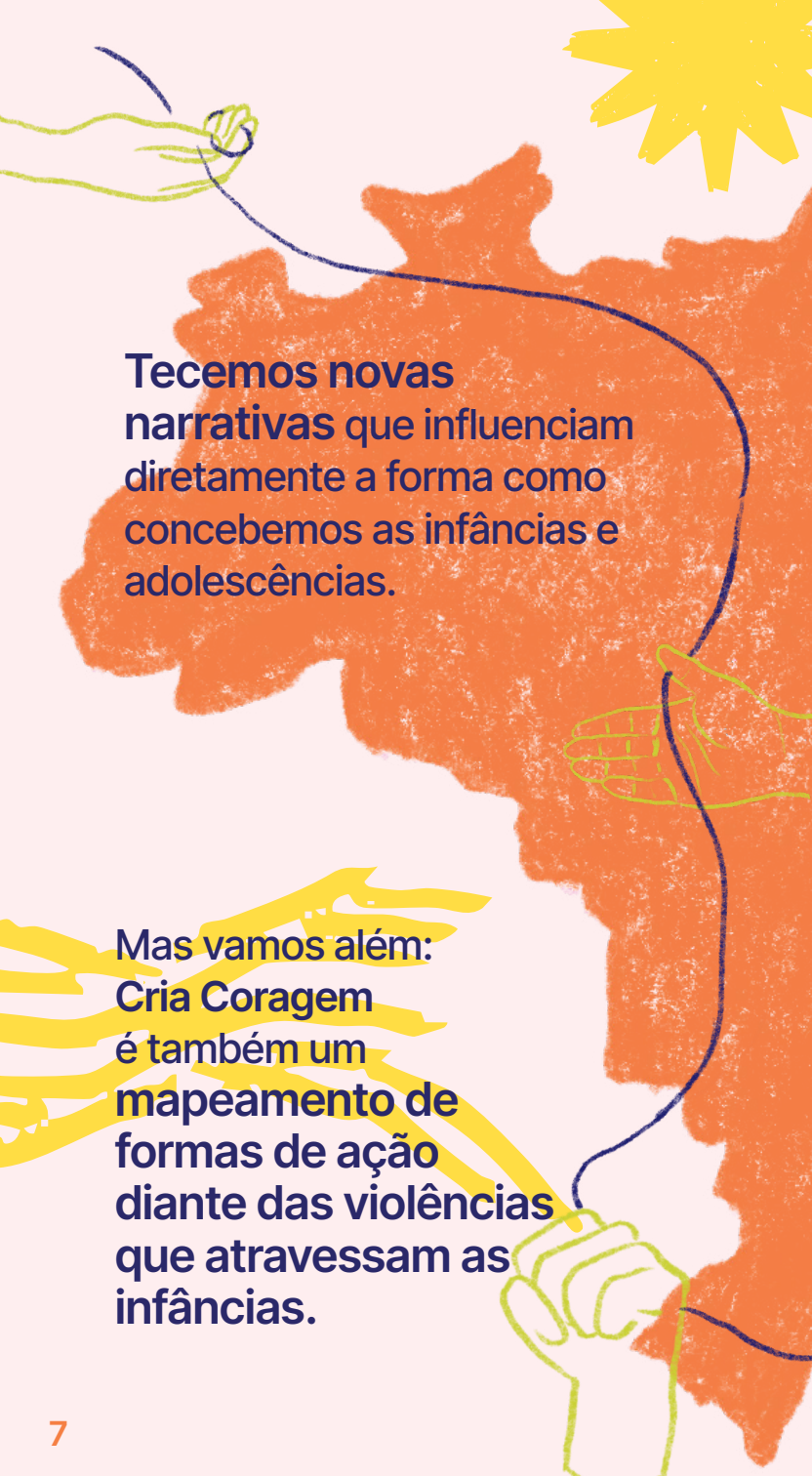
**QUEM
SOMOS**

NAWA





Cria Coragem
é uma iniciativa do
Instituto Çarê que
apoia e constrói novas
narrativas sobre as
infâncias, com foco
na **prevenção e**
erradicação ativa
da violência sexual
infantojuvenil –
um tema delicado,
urgente e muitas vezes
silenciado. Mas sabemos
que só enfrentamos
o que é nomeado.
Por isso, escolhemos
transformar o silêncio
em narrativa e o
medo em ação, para
possibilitar infâncias
marcadas pela felicidade.



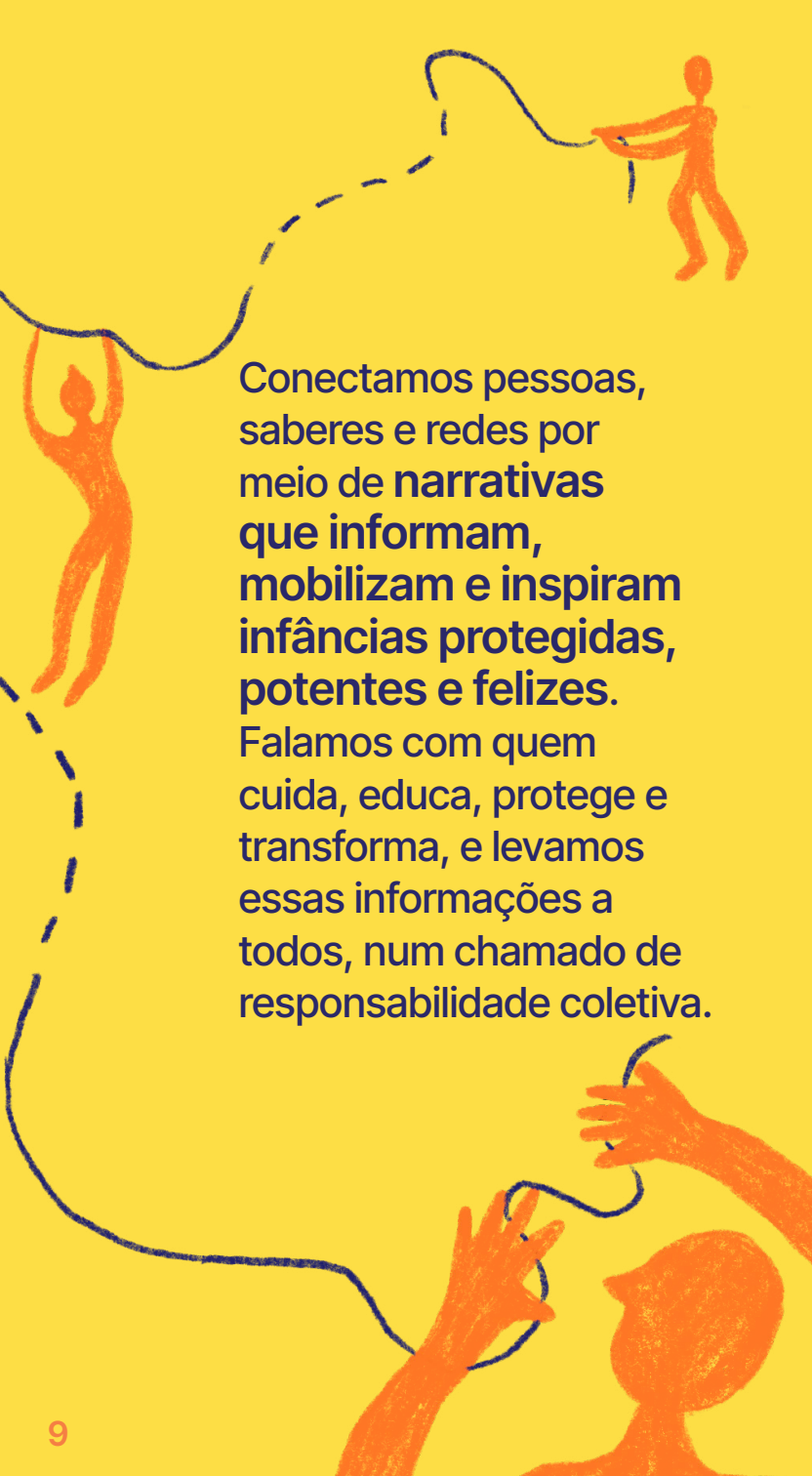
**Tecemos novas
narrativas** que influenciam
diretamente a forma como
concebemos as infâncias e
adolescências.

**Mas vamos além:
Cria Coragem
é também um
mapeamento de
formas de ação
diante das violências
que atravessam as
infâncias.**



Rompemos com a visão limitada que enxerga crianças apenas como frágeis ou indefesas - e apostamos em conteúdos que revelam sua potência, seu protagonismo, sua voz e sua capacidade de transformação. Nosso compromisso é firme: mudar a forma como a sociedade vê, trata e protege suas infâncias.



A stylized illustration on a yellow background. A blue line, composed of solid and dashed segments, winds across the page. It starts at the top right where a person is holding it, goes left and down, loops around a person hanging from it on the left, continues down and left, and then loops up and right towards the bottom right where two hands are reaching for it. The people and hands are depicted in orange. The text is centered in the middle of the page.

Conectamos pessoas,
saberes e redes por
meio de **narrativas
que informam,
mobilizam e inspiram
infâncias protegidas,
potentes e felizes.**
Falamos com quem
cuida, educa, protege e
transforma, e levamos
essas informações a
todos, num chamado de
responsabilidade coletiva.

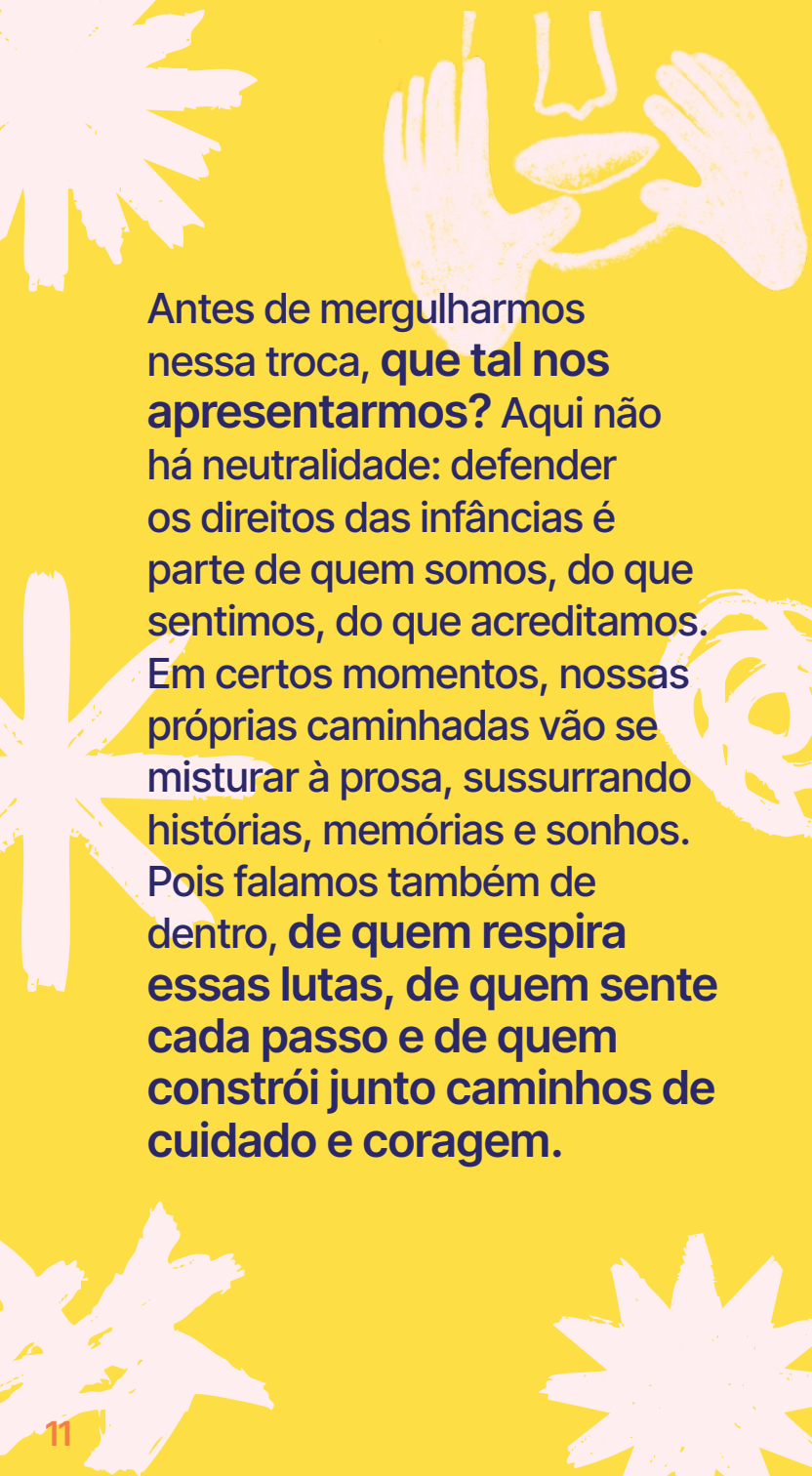


Nossas narrativas são
**multicanais, poéticas e
fundamentadas em dados.**

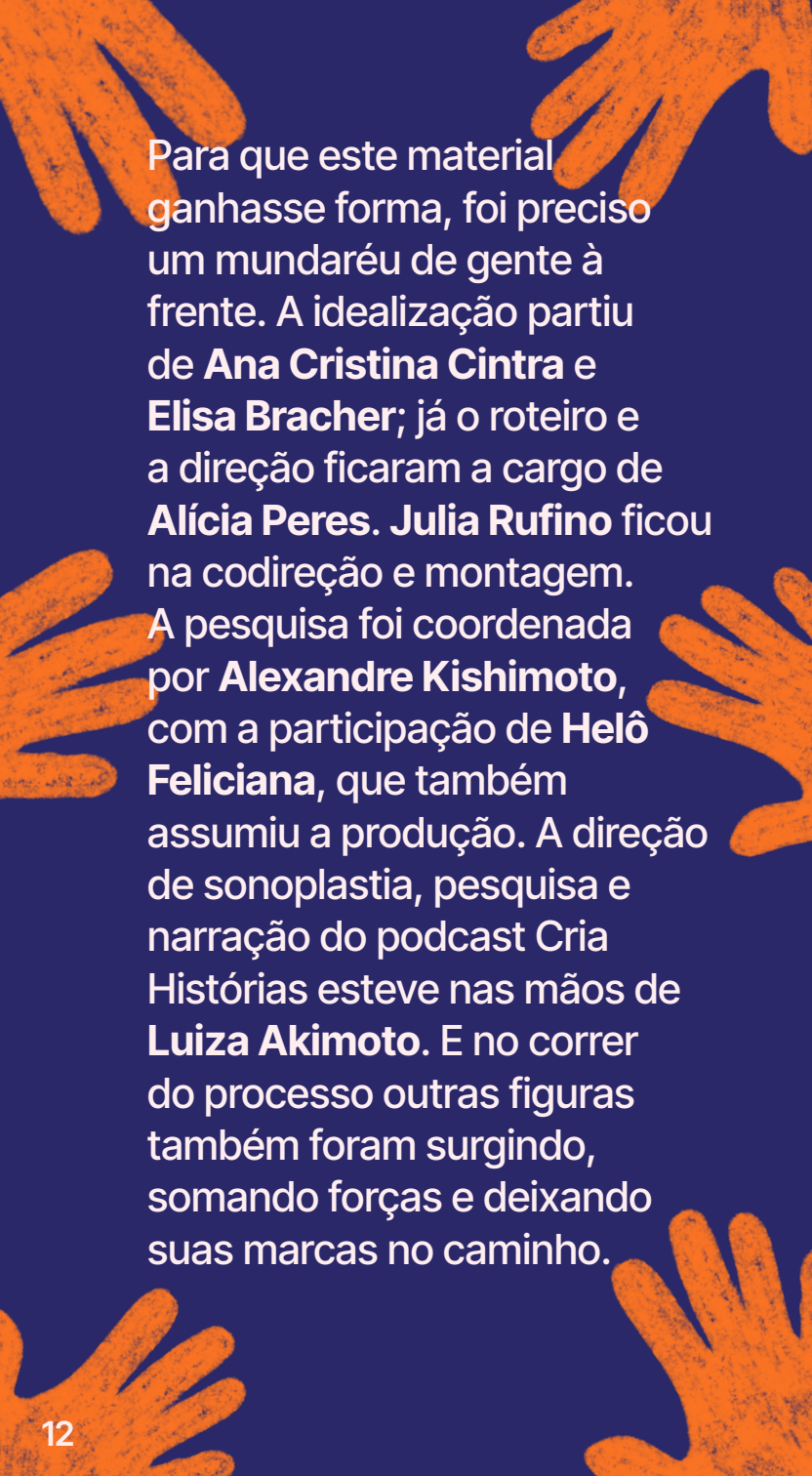
Com linguagem sensível e
formatos acessíveis, queremos
quebrar silêncios, ampliar
perspectivas e construir uma
cultura de proteção.



Então, vem com a gente!
**Vamos conversar, sonhar
e construir novos rumos
para a presença e o futuro
das nossas crianças.**



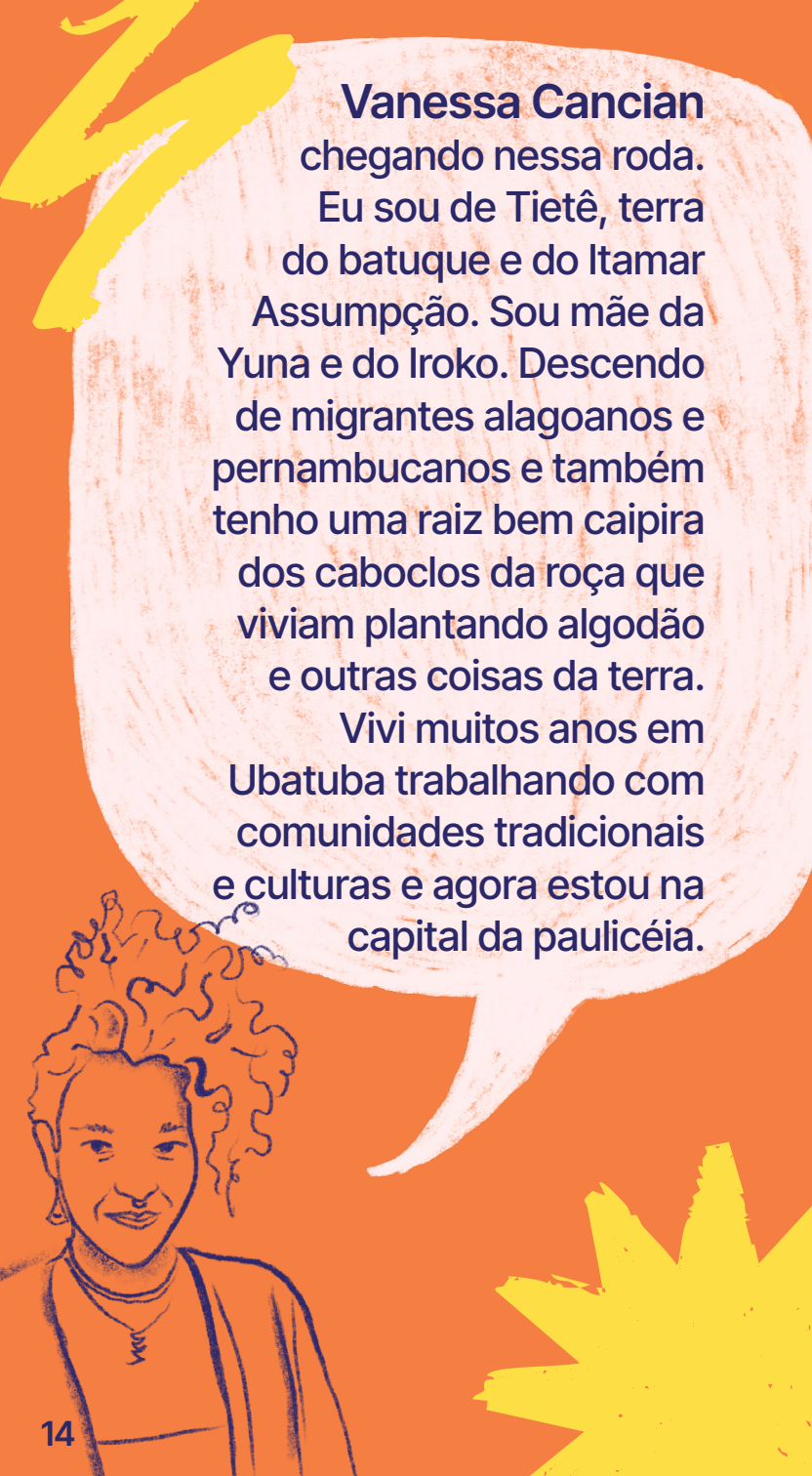
Antes de mergulharmos
nessa troca, **que tal nos
apresentarmos?** Aqui não
há neutralidade: defender
os direitos das infâncias é
parte de quem somos, do que
sentimos, do que acreditamos.
Em certos momentos, nossas
próprias caminhadas vão se
misturar à prosa, sussurrando
histórias, memórias e sonhos.
Pois falamos também de
dentro, **de quem respira
essas lutas, de quem sente
cada passo e de quem
constrói junto caminhos de
cuidado e coragem.**



Para que este material ganhasse forma, foi preciso um mundaréu de gente à frente. A idealização partiu de **Ana Cristina Cintra** e **Elisa Bracher**; já o roteiro e a direção ficaram a cargo de **Alícia Peres**. **Julia Rufino** ficou na codireção e montagem. A pesquisa foi coordenada por **Alexandre Kishimoto**, com a participação de **Helô Feliciano**, que também assumiu a produção. A direção de sonoplastia, pesquisa e narração do podcast Cria Histórias esteve nas mãos de **Luiza Akimoto**. E no correr do processo outras figuras também foram surgindo, somando forças e deixando suas marcas no caminho.

Eu sou a **Márcia Licá**,
mãe de Teresa, educadora
social e pesquisadora de
literatura e infâncias negras
e indígenas. Nasci e passei
parte da infância no interior do
Tocantins, sou mulher indígena-
negra e herdeira da linhagem
de mulheres do povo indígena
Ramkokamekrá (MA). Andarilha
desde cedo entre Sudeste e
Norte, assentei morada na
favela Real Parque (SP).





Vanessa Cancian
chegando nessa roda.
Eu sou de Tietê, terra
do batuque e do Itamar
Assumpção. Sou mãe da
Yuna e do Iroko. Descendo
de migrantes alagoanos e
pernambucanos e também
tenho uma raiz bem caipira
dos caboclos da roça que
viviam plantando algodão
e outras coisas da terra.
Vivi muitos anos em
Ubatuba trabalhando com
comunidades tradicionais
e culturas e agora estou na
capital da paulicéia.

Uai, aqui é **evandro nunes!**
Preto retinto, mineiro de Belo Horizonte, pedagogo, mestre e doutor em educação, ator, brincante, contador de história, pesquisador das artes negras, enamorado do Candomblé e de uma boa comida; adoro viajar e conhecer muitas "gentes", leio muito e faço poesia. Ah! Grafo meu nome em minúsculas e uai quer dizer uai mesmo (risos).



Aqui quem fala é
Vânia Medeiros, pessoal!
Sou da Bahia, que me deu
régua e compasso, e moro
em São Paulo. Aprendo muito
com os encontros da paulicéia
desvairada! Sou mãe das
gêmeas Dora e Luísa e passo
meu tempo a desenhar e
criar imagens. Também sou
professora, adoro livros e
tenho sempre um caderninho
pra rabiscar as ideias.

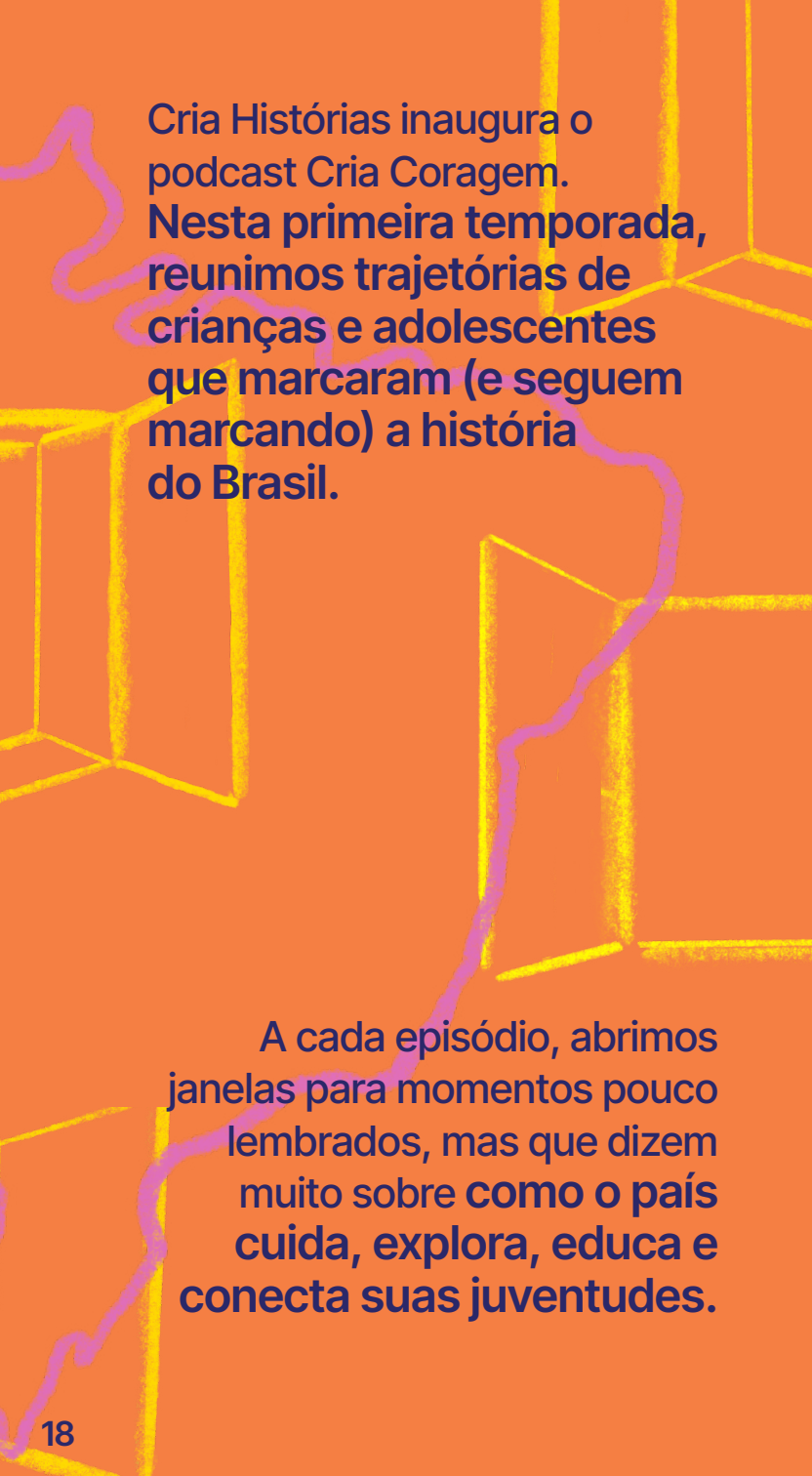


NOSSA TRILHA



O Podcast Cria Histórias



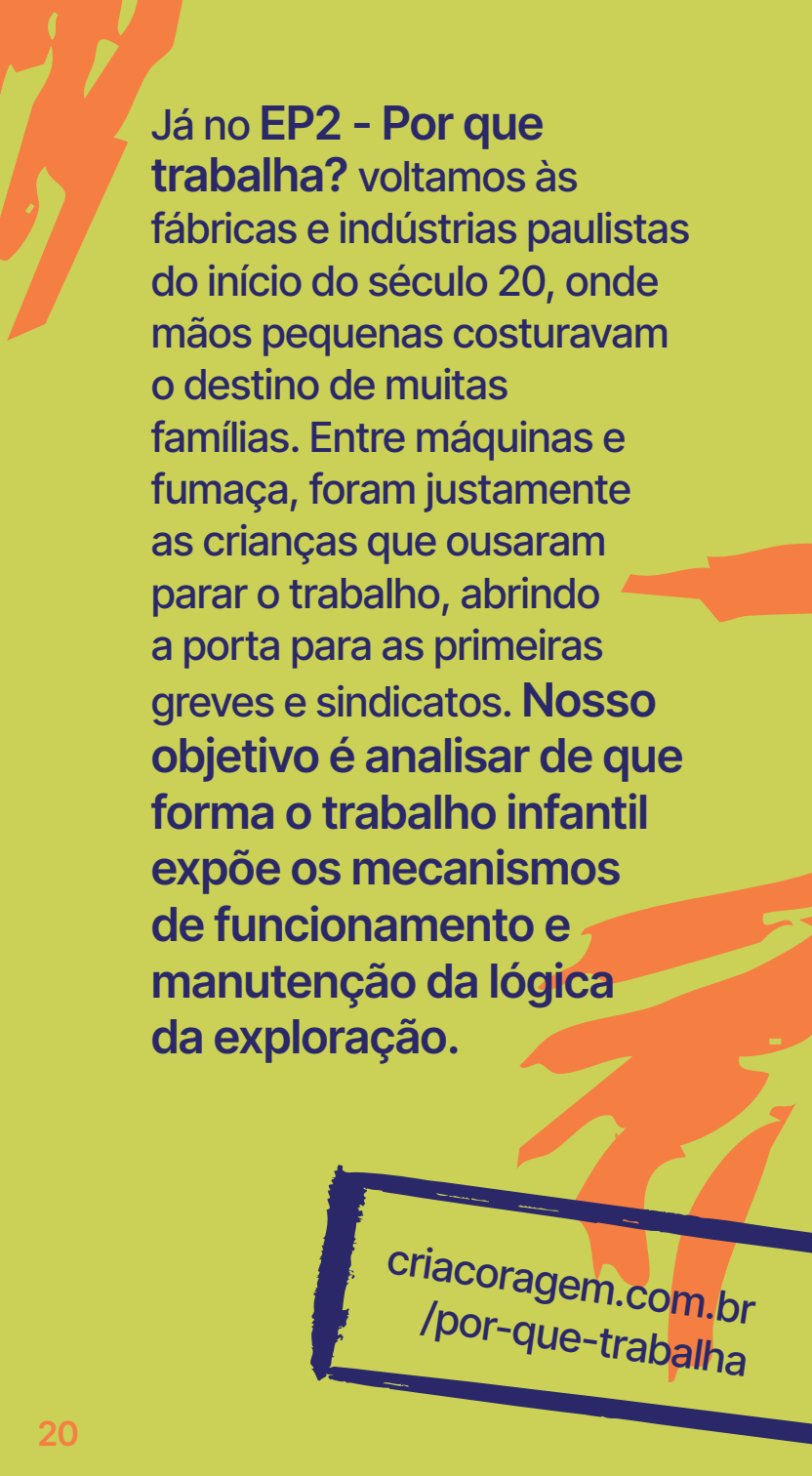


Cria Histórias inaugura o podcast Cria Coragem. Nesta primeira temporada, reunimos trajetórias de crianças e adolescentes que marcaram (e seguem marcando) a história do Brasil.

A cada episódio, abrimos janelas para momentos pouco lembrados, mas que dizem muito sobre como o país cuida, explora, educa e conecta suas juventudes.

No EP1 - Quem cuida?!
percorremos as muitas
formas de cuidado desde as
famílias que se expandem
para além do sangue até
a presença da Igreja, as
rodas dos expostos e as
madrinhas que acolhem.
É nesse caminho que surge
a história de **Madrinha
Eunice**, no Bixiga/Liberdade,
e a fundação da **Escola de
Samba Lavapés**, mostrando
que o cuidado também
pode nascer em ritmo
de tamborim. O intuito é
pensar como o cuidado foi
distribuído, compartilhado
ou negado às crianças ao
longo do tempo?

[criacoragem.com.br
/quem-cria](http://criacoragem.com.br/quem-cria)



Já no EP2 - Por que trabalha? voltamos às fábricas e indústrias paulistas do início do século 20, onde mãos pequenas costuravam o destino de muitas famílias. Entre máquinas e fumaça, foram justamente as crianças que ousaram parar o trabalho, abrindo a porta para as primeiras greves e sindicatos. Nosso objetivo é analisar de que forma o trabalho infantil expõe os mecanismos de funcionamento e manutenção da lógica da exploração.

[criacorage.com.br
/por-que-trabalha](http://criacorage.com.br/por-que-trabalha)

**O EP3 - O que aprende?!
entrou pelos portões das
escolas públicas de São Paulo,
lembrando as ocupações de
2015, quando secundaristas
disseram um “não” alto e
coletivo a um projeto de
desmonte da educação.
O gesto desses jovens se
conecta às revoltas operárias
de décadas antes: é a mesma
chama da resistência que
insiste em não se apagar.
Lá de dentro, buscamos
refletir: de que modo a
escola se torna trincheira
de luta e laboratório de
futuros possíveis?.**

[criacoragem.com.br
/a-escola-que-forma-ou-deforma/](http://criacoragem.com.br/a-escola-que-forma-ou-deforma/)

O **EP4**, último, mas não menos importante - **O que conecta?!** nos faz chegar ao mundo digital, território cheio de promessas e armadilhas. Do game que reproduz misoginia e masculinidades tóxicas às diferentes formas como a periferia acessa — ou não acessa — a tecnologia, revelando desigualdades profundas. **Entre bets, isolamento, doenças e redes, perguntamos: que insurgências e resistências nascem nesse território virtual?** Para estarmos “on” é importante entender como o mundo digital molda corpos, mentes e subjetividades, atravessando raça, classe e gênero.

[criacoragem.com.br
/onde-conecta](http://criacoragem.com.br/onde-conecta)



Com reflexões profundas sobre a força e resiliência das nossas crianças, o podcast também questiona: **por que o abuso sexual ainda é uma prática banalizada em nosso país e em tantos outros?**



The background is a solid pink color. It features several abstract elements: a dark blue speech bubble in the top left with a white wavy line inside; a light pink speech bubble in the top right with a green wavy line inside; a yellow speech bubble in the bottom left with an orange wavy line inside; and a solid orange shape in the bottom right. The text is centered in the middle of the page.

**NOSSO CONVITE
NESTE MATERIAL**

O material que você tem em mãos é um pequeno e profundo **guia que vai percorrer caminhos diferentes sobre infâncias, educação, trabalho, tecnologia, conexão digital e conquista de direitos.**

Nele apresentamos também ferramentas lúdicas para que a brincadeira traga novos olhares, modos de pensar e de conceber o que é ser criança no Brasil e a infinidade de formas de habitar e viver nesta terra. Este material, portanto, pode ser **fonte de informação para jornalistas, roteiristas, inspiração para novas histórias e criações de conteúdo.** Contar essas narrativas inunda o mundo de soluções e visões potentes, mas ainda pouco divulgadas.

Se você é educador popular, professor de escola, formador de processos pedagógicos ou trabalha com educação dentro e fora da sala de aula, esse material pode te ajudar a conceber esses novos olhares sobre as infâncias e seus processos de luta, transformação, conquistas e de enfrentamento diante de desafios. Tudo que abordamos aqui pode ser multiplicado, replicado e usado como possibilidades e caminhos para promover mudanças reais e sensíveis. Seguimos aprendendo juntos sobre o que é ser criança e criar crianças para o futuro que sonhamos.

Aqui trazemos também jogos, ferramentas lúdicas e perguntas que nos colocam para pensar. As atividades com reflexões podem ser usadas como suporte educativo nos diversos cotidianos.

Desejamos que todas, todos e todes aprendam e interajam com as nossas propostas.

É nesse sonho que brota a necessidade da palavra: conversar, aprender e partilhar ideias, mesmo quando os temas trazem memórias de dor, lembranças duras e medos antigos. Falar é atravessar o silêncio para abrir clareira, é semear esperança em terrenos onde antes só havia o não-dito. Porque são essas conversas - firmes e corajosas - que podem transformar a dor

em movimento e acender caminhos de justiça para as infâncias e juventudes.

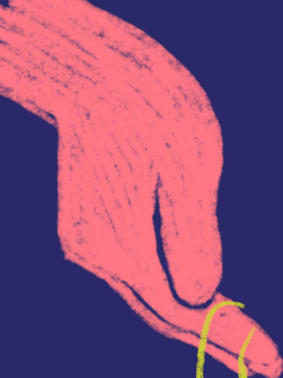
É pensando em ampliar essa roda de conversa e resistência que nasce a plataforma **Cria Coragem**, com seu primeiro grande produto em forma de podcast, para ecoar pelos diversos territórios do Brasil (ou muito além deles) em histórias e prosas ditas com coragem e sabedoria por quem viveu, lutou, luta e pesquisa aquilo que tantas vezes é difícil de dizer sobre as violações, mas também sobre os muitos movimentos de força e protagonismo das infâncias.

A gente sabe que os desafios são muitos, e é por isso que a **Cria Coragem** reforça o convite: **que o silêncio vire palavra, que o medo se**

transforme em atitude e que a dor possa virar força coletiva. O podcast, junto com este material que você tem em mãos, nasce exatamente dessa ação de encarar, sem desviar os olhos, as violências que atravessam crianças e adolescentes. Queremos mostrar que tem muita gente se movendo, gente grande e pequena, que com bravura se junta, coloca a mão na massa e vai mudando, aos poucos, as realidades mais difíceis.

E já que você entrou na roda, vale dizer: o coração deste projeto é **reconhecer, nomear, denunciar e transformar.** As conversas que vamos fazer nas próximas páginas são um convite à escuta atenta da história, à compreensão de como as

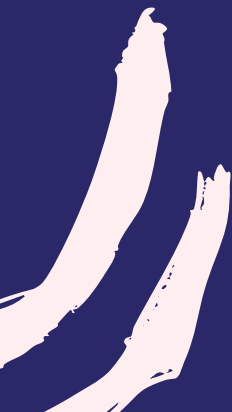
infâncias foram – e ainda são –
tratadas, e à abertura de novos
caminhos. Caminhos onde
coragem e sensibilidade
se encontram para
iluminar o que precisa ser
transformado e, assim,
semear futuros mais justos
e inteiros.

An illustration of a hand with a textured, charcoal-like appearance, holding a thin, light blue string. The hand is positioned in the upper left corner of the frame.

episódio 1

A horizontal band of bright yellow, heavily scribbled texture that serves as a background for the top part of the title.

QUEM CUIDA?

A horizontal band of bright yellow, heavily scribbled texture that serves as a background for the bottom part of the title.

INFÂNCIAS: Começo, meio e começo





Heitor dos Prazeres
Sem título, 1964

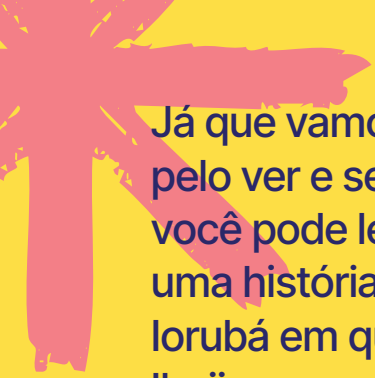
Você sabia que olhar para as infâncias e seus direitos fundamentais é algo recente em nossa sociedade? Parece que essa luta sempre esteve presente, mas a história revela que sempre houve pedras e espinhos no caminho. E, diante deles, mãos pequenas e valentes se levantaram na luta – mãos que insistem até hoje em segurar o futuro, pedindo que a vida seja vista com a seriedade e o cuidado que merece.

Como notaram na apresentação, os quatro episódios do podcast da **Cria Coragem** tratam dos temas: criação, trabalho, educação, revoluções e território digital, em que são retomados fatos da história e atualidades das

infâncias e juventudes no Brasil. Ainda que as questões tenham alcance nacional, o recorte do podcast se ancora em São Paulo. Você vai descobrir muitas informações e, por aqui, vamos esticar a prosa e seguir emplacando a luta por dias sempre melhores para nossas infâncias e juventudes.

Formas de ver e sentir as infâncias





Já que vamos começar
pelo ver e sentir, abaixo
você pode ler e conhecer
uma história¹ do povo
lorubá em que os irmãos
Ibejis venceram a Morte.
Ouça o áudio dessa
narração de história
neste [link](#).

1 Conto adaptado por Vanessa Cancian a partir de escutas e pesquisa no livro *Mitologias dos Orixás*, Prandi, 2000. Narração da história dos Ibejis feita por Evandro Nunes.

Os gêmeos Ibeji eram muito queridos no vilarejo. Sempre ajudavam quem precisava, e a alegria deles se espalhava por todo canto. Mas um dia, Iku, a Morte, resolveu rondar a estrada que levava à cidade. Quem passava por ali não voltava mais. Ninguém sabia o motivo, e o caminho ficou amaldiçoado. Sacerdotes, magos e feiticeiros se reuniram para tentar deter a Morte que não escolhia alvo: levava qualquer um que cruzasse seu caminho. Foi então que os gêmeos foram avisados do perigo e aceitaram o desafio. Pegaram seu tambor mágico e seguiram pelo caminho amaldiçoado. Quando Iku apareceu para levar um dos irmãos, algo inesperado

aconteceu: a música do tambor era tão linda que a Morte se emocionou e permitiu que ele continuasse dançando sem parar. Mas o que Iku não sabia era que o outro irmão se escondia no mato, revezando o toque do tambor. A cada batida, a Morte ficava inquieta, sem conseguir parar. Exausta, Iku pediu que a criança parasse, prometendo fazer qualquer coisa em troca. Então, os gêmeos propuseram um acordo: Iku iria embora e devolveria todas as pessoas que tinha levado injustamente. A Morte aceitou, e os Ibejis revelaram o outro irmão escondido, mostrando que eram dois o tempo todo. Iku, embora com raiva e jurando vingança, cumpriu

o acordo. Todas as pessoas levadas retornaram felizes ao vilarejo, e os dois gêmeos continuaram dançando ao som do tambor, celebrando a vida, a coragem e a magia que só eles podiam conjurar.

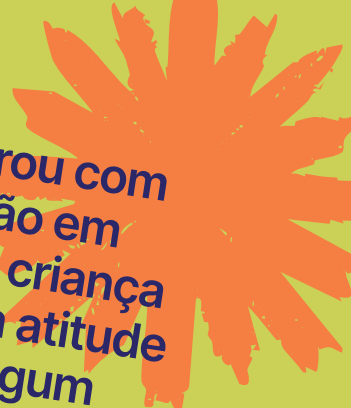
A história dos ibejis nos ensina que a sabedoria das crianças é algo que precisa ser levado a sério e que, cada vez mais, a gente aprende junto com elas a pensar soluções para os nossos desafios.



Que tal criar um momento com as crianças para apreciar essa e as outras histórias, conversar sobre elas e refletir?

Peça que elas contem, escrevam ou façam desenhos a partir das suas vivências, observações ou escuta de alguma outra história de crianças como protagonistas.

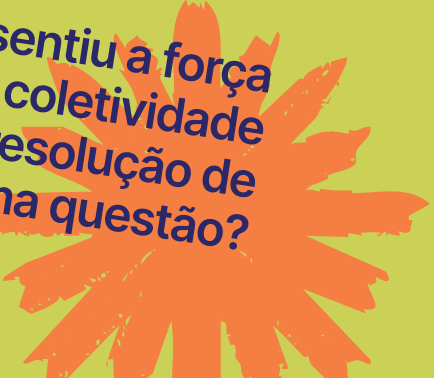
Você escutou alguma história parecida com essa?



Já se deparou com
uma situação em
que foi uma criança
que tomou a atitude
e resolveu algum
problema?



Já viveu, na
sua própria
infância, algum
momento em
que teve que
enfrentar um
desafio?



Já sentiu a força
da coletividade
na resolução de
alguma questão?

Pois bem, as crianças estão aqui e ali, se unindo em diferentes cantos e transformando a realidade ao seu redor com coragem, imaginação e criatividade, mesmo que quem esteja bem perto seja o seu maior opressor.



Saiba que há outras versões diferentes da história dos Ibejis escritas em livros e também contadas? Pesquise na biblioteca da sua escola ou outra perto da sua casa. Na página a seguir, fizemos uma curadoria de livros que podem iniciar conversas:

Tambor encantado dos Ibejis
Luz Rufato

Os ibejis Obi e Olú
Marcos Cajé

Ibeji: a dança dos gêmeos
Ricardo Laalu

Os ibejis e o carnaval
Helena Teodoro

E ainda tem uma outra
contação da história neste [link](#).



Voltar um pouco no tempo sempre nos oferece um momento de reflexão, você aceita esse convite? Elaboramos outra atividade para aprofundar uma conversa: Como pensamos, concebemos a infância? Veja o passo a passo da dinâmica conhecida pelo nome de **Café Mundial²**, e que, neste material, ganha o contorno de **Café com Coragem**.

2 O Café Mundial ou *World Café* é uma metodologia criada nos anos 1990 por Juanita Brown e David Isaacs. Essa prática convida grupos a conversar em clima de café, trocando ideias e construindo conhecimento coletivo de forma simples e acolhedora. Ela ajuda a transformar ideias individuais em sabedoria compartilhada, um exercício de inteligência coletiva.

O Café com Coragem é uma atividade que propõe a divisão de um grupo grande de pessoas em conjuntos menores, de até 5 indivíduos. Dessa forma as discussões ficam mais dinâmicas e todos são convidados à opinar.

Uma pessoa do grupo é a anfitriã, e permanece sempre na mesma roda.

Uma mesma pergunta é lançada aos grupos e todos respondem, preenchendo com palavras, desenhos e recortes as cartolinas dispostas no centro.

Ao fim do tempo determinado, todos se movem para a próxima mesa, exceto a pessoa anfitriã,

que recebe o próximo grupo e contextualiza brevemente sobre a discussão realizada pelo grupo anterior.

Uma nova pergunta é feita e a pessoa anfitriã segue auxiliando a sistematização de respostas.

Ao fim de todas as perguntas temos cartolinas preenchidas com grande participação de todos, que podem ser expostas para um apanhado geral das conclusões reunidas.



*O ideal é que as perguntas sejam liberadas para o grupo uma por vez, nessa ordem. (Sugerimos que elas estejam nas mesas, escritas em uma filipeta).

*Peça que os grupos façam a sistematização das ideias nas cartolinas.

*Quando o grupo troca de mesa, é bom deixar uns 2 minutos para que o anfitrião faça uma breve devolutiva da conversa anterior.

* Tenha em mão um cronômetro para marcar o tempo e avise os participantes progressivamente.





Café com coragem: Memórias de Infâncias

Passo 1: Crie um ambiente acolhedor

Organize o ambiente com mesas e cadeiras de modo que as pessoas fiquem em círculo. Se possível, deixe um espaço com lanchinhos e café na sala. No centro de cada mesa disponibilize: cartolinas, canetinhas, lápis de cor, tintas – tudo que estimule a expressão livre, inclusive por meio de desenhos ou de esquemas gráficos.

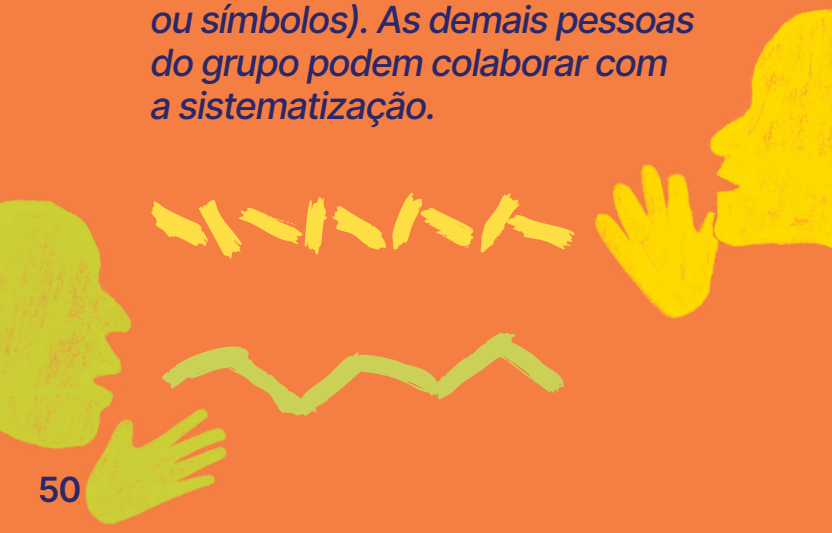




Passo 2: Divisão dos grupos

Divida as pessoas nas mesas de acordo com a quantidade de participantes presentes. O mais importante, neste momento, é que cada mesa tenha uma pessoa como ponto focal, responsável pela mediação – a anfitriã, isto é, quem recebe e sintetiza a conversa de cada rodada.

A pessoa anfitriã permanece no mesmo lugar, acolhe os grupos participantes, conta o que já foi dito e ajuda a sistematizar graficamente as ideias (com palavras, desenhos ou símbolos). As demais pessoas do grupo podem colaborar com a sistematização.





Passo 3: Rodadas



As rodadas vão acontecer de acordo com a quantidade de perguntas que são elaboradas a partir do tema gerador. A conversa flui por um tempo combinado, onde todos têm voz e todos escutam. Quem fala pouco é gentilmente convidado a se expressar, o importante é que cada pessoa participe da atividade. Proponha que, ao trocar de cada pergunta, as pessoas troquem de mesa e busquem se sentar com novas colegas. Assim, as conversas se cruzam e as ideias se multiplicam e se transformam. Seguiremos com as rodadas. Aqui sugerimos as perguntas a seguir, mas, no futuro, essa atividade pode ser repetida com outros temas!

Rodada 1 [5 minutos]

Que criança seus avós — ou pessoas mais velhas que você conhece — foram? Como viviam, o que comiam, qual era o dia a dia? Do que brincavam, quais eram suas curiosidades e interesses? Como era a casa onde moravam? E a rua? E a cidade? Qual era o maior medo deles? E seus maiores sonhos?

Rodada 2 [5 minutos]

Que criança seus pais ou os responsáveis por você foram? Como viviam, o que comiam, qual era o dia a dia? Do que brincavam, quais eram suas curiosidades e interesses? Como era a casa onde moravam? E a rua? E a cidade? Qual era o maior medo deles? E seus maiores sonhos? Qual foi a maior mudança na vida dessas pessoas?

Rodada 3 [10 minutos]

Que criança você foi? Como era a casa da sua infância? Quem era sua pessoa favorita/de confiança? Que cheiros estavam na sua infância? Que cores? Que texturas? Qual era seu lugar e a brincadeira favorita? Quem eram seus melhores amigos? Qual foi uma situação que você e seus irmãos, primos e amigos resolveram sozinhos? Qual era seu maior medo? E seu maior sonho?



Rodada 4 [20 minutos]

O que é infância e adolescência para você hoje? Diga um sentimento, palavra, pensamento que represente a criança e o adolescente para você. Qual foi um ensinamento que crianças e adolescentes te ofereceram? Algo que mudou em você por conta deles?

Passo 4: Partilha

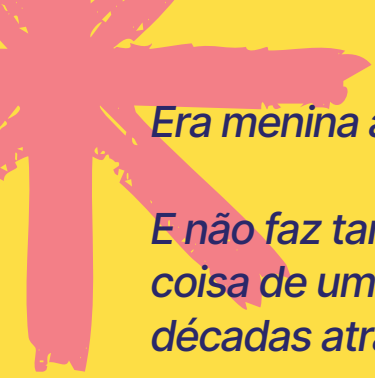
Para encerrar, convide uma pessoa de cada grupo da última rodada para apresentar a colheita final das conversas, pode ser a anfitriã ou outra. Deixe um tempo para que essas pessoas organizem a fala a partir do material trabalhado. Proponha no máximo 10 minutos para cada partilha. Durante a socialização, anote os pontos chaves (é o chamamos de "colheita da colheita"). Retome com uma breve síntese dos pontos destacados pelos grupos. O material gráfico pode ficar exposto na sala enquanto todos passeiam e apreciam as cartolinas produzidas.

Gostaram da atividade? Como foi aplicada essa metodologia? Compartilhe conosco na nossa página do instagram! @somoscriacorage

História/ Depoimento



A história/depoimento não se encerra em si mesma; é um convite para seguir adiante, ampliar o olhar e cruzar caminhos com outras vozes e experiências. Na atividade anterior, propusemos um debate que nos leva a refletir sobre memória e concepção de infância. No final deste material, indicaremos outras referências para ampliar as abordagens deste percurso.



Era menina ainda.

E não faz tanto tempo assim,
coisa de umas quatro
décadas atrás.

Vivia com o seu povo
Kapiecran, ancestrais dos
Ramkokamekrá, que o branco
apelidou de Canela. Nesse
tempo, eram muitas, mais de
mil pessoas em muitas aldeias
diferentes naquela terra. A
aldeia era cheia de vozes, de
passos miúdos, de risadas
correndo junto com os bichos,
junto com a terra que dava
tudo o que precisavam.

A menina pescava no rio.
Plantava com as mãos
pequenas. Aprendia que cada
planta guardava uma cura.
Reparava, desde cedo, as

mulheres ajudarem a vida a chegar: crianças que, como ela, logo correriam livres pela aldeia.

Mas um dia... Um dia, eles a levaram. E ela nunca mais conseguiu voltar.

Hoje, as mulheres que nasceram dela caminham tentando seu retorno.

Passo a passo, lembram, sonham e procuram de volta o chão da aldeia, mesmo vivendo na cidade grande.

(Relato por Márcia Licá, 2025)

A história da menina Kapiékran nos conecta à história da infância no Brasil. Não podemos esquecer que, desde o desembarque dos primeiros invasores portugueses, o que aconteceu foi violência, e grande parte dela recaiu sobre as crianças. Apesar do processo de colonização e escravização, celebrar é necessário. A nossa história também é de "começo, meio e começo", como nos ensinou Nêgo Bispo (Antônio Bispo dos Santos; estamos sempre em retomada. As flechas do recomeço são certeiras, e as sementes sempre vingam. A criança que fomos um dia ressurgirá ainda mais forte.

A compreensão de infância nem sempre foi do jeito que a gente conhece hoje. Ela é invenção da vida, moldada pelo tempo, pela cultura e pelo jeito de cada povo cuidar de suas crianças. Houve época em que menino e menina eram vistos como “adultos pequenos”, já trabalhando e participando do mundo dos grandes. Mais tarde, veio a ideia de infância como fase separada, cheia de escola, proteção e brincadeiras vigiadas. Mas infância nunca é uma só: ser criança no campo é diferente de ser criança na cidade grande; ser criança quilombola não é o mesmo que ser criança indígena. Há infâncias que florescem na solidão e há aquelas que desabrocham no meio da roda, nutridas pelo coletivo, pela oralidade e pela experiência compartilhada da vida.

Sugerimos uma pausa para um mergulho no tempo e na concepção de infância que cada época expressa. Para isso, criamos a linha do tempo **Cria Coragem "começo, meio e começo"**.

Explore na página **criacoragem.com.br** e investigue até 3 marcos que, na sua visão, contribuíram para potencializar o debate e avanços sobre infâncias no Brasil. Amplie a conversa entre seus colegas de trabalho, amigos e familiares.

Na **Cria Coragem**, essa infância de que estamos falando não cabe em uma única caixinha. Ela vem inspirada pelos conhecimentos ancestrais e pela possibilidade de imaginar crianças livres, diversas e inteiras. Entre os povos indígenas e em experiências das populações negras, existem muitas maneiras de entender e viver a infância. Entendemos que não existe um modelo único ou universal de ser criança, o que há são diversos fios de saber que se cruzam, se entrelaçam e nos mostram que a infância pode ser vivida de outros modos. E esses saberes nos fazem lembrar que a vida é água corrente de um rio que não se interrompe, tudo está conectado. Logo, a criança não

é vista como alguém “à parte”, mas como um elo essencial, que garante a continuidade da história de cada comunidade.

Criança negra, indígena, periférica, em meio à guerra ou em migração, carrega uma infância bem diferente daquela sonhada pelos livros ou pelas propagandas. A infância é disputa: governos, escolas, famílias e até a mídia brigam para dizer como ela deve ser, podendo abrir portas ou erguer muros. Hoje, com internet, redes sociais, consumo e mudanças no mundo, surgem novas infâncias que pedem mais escuta, mais respeito e um olhar plural. Afinal, cada criança é um mundo, e cada infância é também produtora de cultura, memória e muito mais.

A Roda dos Expostos





Estamos numa sala do Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. É um prédio muito antigo, de 1884. A sala está dividida naquele velho esquema de meninas de um lado e meninos do outro, sabe? Na direita, pinturas de freiras católicas, irmã Luísa, irmãs Marias, e, na esquerda, doutor Celestino e doutor Arnaldo as encaram. No centro daqueles olhares está a peça mais importante e mais visitada deste museu: a Roda dos Expostos.

O trecho acima faz parte do primeiro episódio do podcast **Cria Histórias**. Aqui ampliamos os assuntos trazidos pelo podcast. Se você já ouviu, vai se lembrar que, no primeiro episódio,

conhecemos a história da Roda dos Expostos. Pois é, lá no Vaticano, no século 13 (1203!), o Papa Inocêncio III inventou esse dispositivo de entrega de bebês. Depois, chegou em Portugal em 1490, e registros da Roda aparecem no Brasil em 1734, primeiro na Bahia, dentro da Santa Casa de Misericórdia, e em São Paulo, a roda começou a funcionar em 1825 e ficou ativa até mais ou menos os anos 50, com o último registro lá por 1960.

As Santas Casas faziam diversas coisas: eram hospitais, cuidavam dos enterros de gente pobre e desamparada e, no meio disso tudo, recebiam as crianças deixadas na roda. Não era só um gesto de acolher,

não! A roda mostrava como a caridade, o controle e o poder andavam juntos. Hoje, preservada como peça de museu, ela nos faz pensar no passado e reforçar a luta para que toda criança possa nascer e crescer com dignidade.

Para saber mais sobre como se davam os processos de cuidados e educação nas Santas Casas e outros dados acerca da história da infância no Brasil, acesse a página do [Instituto Bixiga](#).

Nos dados do Instituto Bixiga há registro de que quando as crianças eram entregues ao sistema da Roda dos Expostos, eram batizadas e encaminhadas aos cuidados das amas de leite.

Permaneciam com elas até cerca de sete anos de idade, quando eram devolvidas à Santa Casa e entregues ao juiz de órfãos, responsável por encaminhá-las ao trabalho doméstico ou às fábricas. Numa sociedade colonial, em que a força de trabalho era composta principalmente por pessoas escravizadas e agregadas, essas crianças também faziam parte do sistema produtivo. Ter uma criança agregada, fosse ela proveniente da roda ou não, significava dispor de mais uma das forças de trabalho que sustentavam a cidade.



QUEM CRIA Madrinhas Eunices





Ainda estamos na cidade de São Paulo, mas agora o cenário muda: chegamos ao quintal de uma das maiores matriarcas do samba paulista e brasileiro. Madrinha Eunice ou simplesmente Deolinda Madre, nascida em Piracicaba em 1909, no interior paulista, mulher que foi raiz e tronco de um território negado, reinventado na luta e no pertencimento. Ícone do samba paulistano, compositora, carnavalesca e cria do terreiro, quitandeira e ativista do movimento negro independente. Fundou a primeira escola de samba da cidade, a Lavapés, e rompeu os muros de um espaço machista para afirmar a força da mulher negra. Sua maternagem foi comunitária:

acolhia, criava, ensinava, transformava. Como as velhas matriarcas de quintal, repartia valores de dignidade, coragem e respeito em tempos de exclusão e resistência.

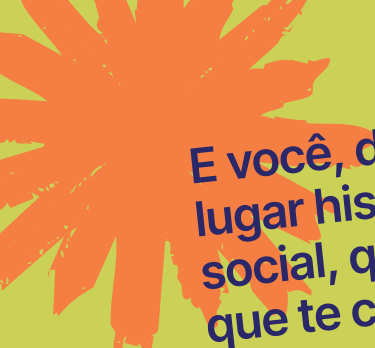
Madrinha Eunice reescreveu o destino de crianças que poderiam ter sido silenciadas pelo abandono ou pela ausência de políticas públicas efetivas, mas encontravam, naquele quintal, uma família inteira para chamar de sua. Ali, se mostrava que criança não cresce sozinha: precisa de uma aldeia inteira, de mãos que protejam e de vozes que orientem. Era ela quem dava o exemplo, quem lembrava às crianças que não deviam se rebaixar para ninguém, ensinando a andar de cabeça

erguida mesmo diante do racismo e da dureza da cidade.

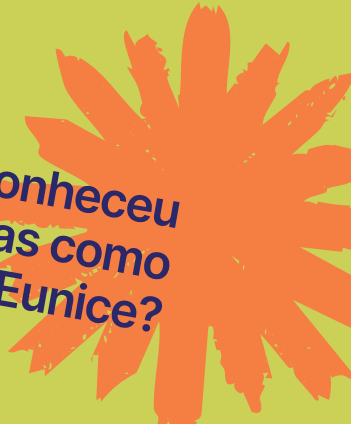
Com ela, as famílias se tornavam expandidas, o filho de um era filho de todos, e o cuidado circulava como herança ancestral. Essa ética comunitária, forjada nos terreiros e nas rodas, fez de seus quintais territórios educativos, onde o samba contava histórias de princesas negras, de morros, de maracatus e de resistências que os livros não ensinavam. Foi nesse chão compartilhado que muitas crianças pretas encontraram força para enfrentar um Brasil desigual, sustentadas pela memória coletiva e pelo gesto generoso de uma madrinha que fez da vida um ato de cuidado

e de luta. Assim, Madrinha Eunice não apenas criou filhos que não eram seus, semeou futuros, inventou resistência, fez girar uma roda que, ao invés de abandonar, acolhia e libertava.





E você, do seu
lugar histórico e
social, quem foi
que te criou?



Já conheceu
pessoas como
Madrinha Eunice?



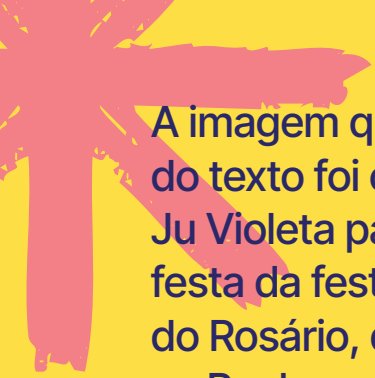
Você viveu
momentos de
cuidado coletivo?
Como?

Mulheres, matriarcas e quintais de proteção





Ju Violeta
William Mophos
"Sou Natureza" Acrílica s/ tela 2025
@juvioleta
@william.mophos



A imagem que abre essa parte do texto foi criada pela artista Ju Violeta para a celebração da festa da festa da Comunidade do Rosário, que acontece na Penha, zona leste de São Paulo. Segundo a autora, ela representa “ancestralidade, natureza, compromisso com a vida e o ato de cuidar”. Na comunidade do Rosário, há uma grande rede que preserva a cultura e cuida das crianças na lógica de aquilombamento.

Conforme a “cria” vai crescendo, outras funções e responsabilidades aparecem, as crianças também assumem, como parte da vida daquele coletivo. Sabe aquela imagem bonita das crianças sendo cuidadas em comunidade, pelas mais

velhas e mais novas em trança umas com as outras? Isso acontece de muitas formas e em muitas tarefas que são coletivas nas periferias, favelas, aldeias, quilombos e tantas outras comunidades. O mais velho vai ensinando o mais jovem. Os diferentes ofícios permitem continuidade de conhecimento através das gerações.

Estamos falando sobre como a gente era cuidado e criado de forma coletiva pelas nossas famílias, vizinhos, parentes e todo aquele povo que fazia parte da comunidade. Crianças correndo no quintal de uma tia, a comida que é preparada pela vizinha e o tio que busca os meninos na escola quase todos os dias da semana.

Quando é na aldeia, então, as brincadeiras acontecem de um jeito mais livre e os adultos que estiverem por perto são quem cuidam de quem também estiver perto. No território quilombola, os núcleos familiares se espalham e todo mundo conhece todo mundo. Ali, a formação e a criação dos filhos é tarefa de todas e todos.

A infância não é vivida no isolamento, mas no encontro. Crescer significa ser atravessado por afetos, responsabilidades divididas e histórias que se entrelaçam. Aquela imagem clássica de família, da mãe sobrecarregada, tentando dar conta de tudo sozinha, não é a única maneira de viver.

Em muitas regiões do Brasil, a história se escreve de outro jeito: no modelo das chamadas famílias expandidas. Nelas, o cuidado não se concentra apenas em uma pessoa, mas se reparte. Esse jeito de viver tem seus pontos fortes e seus desafios. Ainda assim, quando a responsabilidade é compartilhada e mais gente está atenta, aumentam as chances de proteger, acolher e fazer a infância florescer. A criança cresce cercada por muitas referências. Aprende cedo a conviver, dividir e lidar com diferenças.

Isso acontece quando pensamos nos diferentes jeitos de criar e cuidar nos diversos lugares - terreiros, casas, e regiões do Brasil -

mantidos, geridos e protegidos por mulheres, matriarcas das suas comunidades. Madrinha Eunice não foi a única mulher, matriarca e mãe de muitos que fez do seu quintal um espaço revolucionário. Assim como ela, outras mulheres negras e indígenas foram e ainda são chão firme dentro de suas comunidades. São elas que cuidam, protegem e garantem que as crianças cresçam fortes, mesmo diante das tantas dificuldades que a colonização trouxe.

Nesses territórios de existência e afeto, as mulheres possuem, historicamente, papéis de liderança e de cuidado, segurando a vida com firmeza para que ela não se perca. Essa maneira de criar

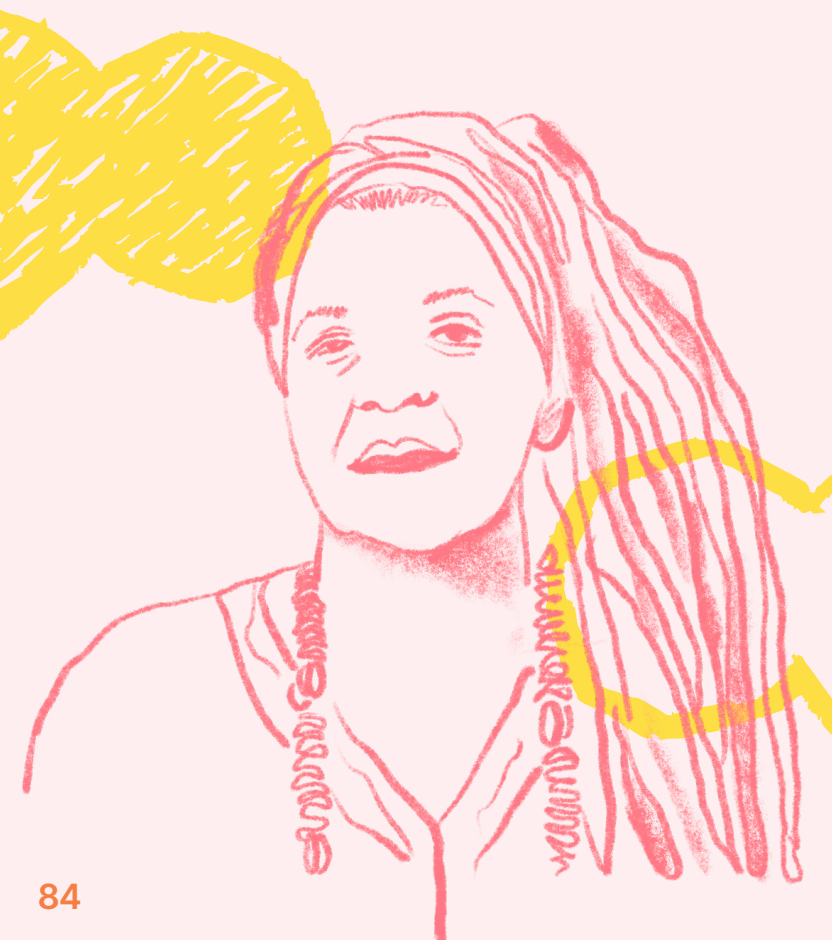
está diretamente relacionada ao matriarcado bantu³, grupo cultural que já trazia em sua forma de organização social a mulher como referência de comando e de afeto. A saudosa Beatriz Nascimento, mulher negra que pesquisou os quilombos, comprovou que esses não são apenas lugares, mas uma forma de existir. É um jeito ancestral de se organizar para garantir autonomia e continuidade da vida negra.

3 A cultura bantu no Brasil é uma de muitas das que vieram dos povos de regiões conhecidas como Congo e Angola no processo da “diáspora africana” no período da colonização europeia. O povo bantu, como conta Nei Lopes (1988), está presente desde o século XVI na formação do Brasil e é um dos responsáveis pela recriação das formas de ser neste território. As sociedades e culturas bantu sempre tiveram a mulher na centralidade das relações e das organizações sociais (Silva, 2024).



Você já ouviu falar sobre a Mãe Beth de Oxum? Uma mulher pernambucana, da cidade de Olinda, Mãe Beth, transforma vidas com a arte no ponto de cultura Centro Cultural Coco de Umbigada. Lá acontece uma mistura de música, dança, espiritualidade e cultura afro-brasileira. No seu terreiro, o Ilê Axé Oxum Karê, não se encontra só religião, mas também acolhimento, autoestima e caminhos de esperança. Ali, oficinas, debates e saberes ancestrais viram escudos contra a violência e pontes para a juventude sonhar outros futuros. O legado de Mãe Beth mostra que resistir é cuidar. Que lutar é cantar e dançar. E que colocar a cultura negra no centro é afirmar a vida e transformar o mundo ao redor.

Conheça um pouco mais sobre
Mãe Beth de Oxum escutando
[Podcast DESIGUAIS.](#)



Esse modo de viver se mantém nas famílias, nos rituais das religiões de matriz africana, nas festas e nas manifestações culturais que atravessam gerações, sempre renovando valores e saberes. É essa base que sustenta as potências do povo preto e faz com que suas histórias nunca deixem de ser contadas. Crianças que são cuidadas de modo coletivizado em quintais, terreiros, condomínios e espaços diversos conhecem melhor o seu passado e se tornam fortes e protegidas no presente.

Em Cria Coragem
aprendemos que autoestima é ferramenta fundamental de proteção contra diversas

violências. Empodera e dá
forças. E o primeiro passo para
construção de autoestima
é conhecer e celebrar sua
própria história!

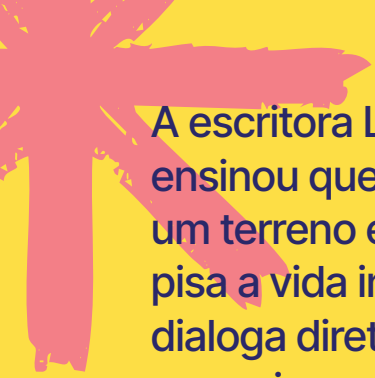


PARA RECOMEÇAR
Infância é terreno
em que se pisa a
vida inteira





Helena Coelho
"Parque das crianças", 2009
@helenacoelhonaif.1



A escritora Lya Luft nos ensinou que a infância é um terreno em que a gente pisa a vida inteira, e isso dialoga diretamente com os ensinamentos de Paulo Freire. Para nós, assim como disse o mestre, sempre é bom pensar sobre o que plantamos e colhemos desse terreno e dessa terra. Afinal, ser criança não é só uma fase da vida, não é só uma transição e sim um jeito de se relacionar com o mundo, com o tempo e com as pessoas.

Quem nunca ouviu de um tio, uma tia ou parente a pergunta: e você, o que vai ser quando crescer? Aposto que você se lembra de ter escutado isso quando pequeno, talvez sem saber que você já era muitas

coisas. Por isso, sempre é importante lembrar que as crianças já são. Elas estão enraizadas no tempo presente, inventando o tempo e dando sentido a suas vidas. Suas presenças são potência, memória, dúvida, gesto e criação. Somos nós, adultos, que devemos nos reeducar para proteger a constante presença das crianças e permitir que sigam fiando o mundo com suas vozes múltiplas e modos próprios de existir.

**Muito obrigada
por seguir até aqui!**

Em breve estarão disponíveis os
materiais relativos aos próximos
episódios do Podcast,
acompanhe nas nossas redes!

Precisa de algum apoio, quer nos
oferecer retorno sobre este material?
Por favor, entre em contato em:

Instagram

@somoscriacorage

E-mail

contato@criacorage.com.br

Presenciou alguma violência contra crianças e adolescentes?

Cria Coragem não atende ou encaminha situações de vulnerabilidade ou violência, mas estamos prontas para auxiliar de alguma forma, especialmente com informações.

Alguns canais de encaminhamento e apoio:

Mapa do acolhimento

Rede para o enfrentamento à violência de gênero, com atendimento psicológico e jurídico para mulheres acima dos 18 anos.

CREAS

(Centro de Referência Especializado de Assistência Social)

Apoio para qualquer pessoa que vivencie situações de violências. Busque o Centro mais próximo de você!

Central de Atendimento à Mulher

Disponível para todo Brasil, Ligue 180 é um serviço de utilidade pública para o enfrentamento à violência contra as mulheres e suporte ao combate de violências contra crianças e adolescentes.

Conselhos Tutelares

Órgão encarregado para zelar pelos direitos das crianças e adolescentes no Brasil.

Disque Direitos Humanos - Disque 100

Serviço gratuito e sigiloso do Governo Federal do Brasil para denunciar violações de direitos humanos, incluindo os de crianças e adolescentes.

Sistema Único de Assistência Social (SUAS)

Ampla rede de serviços, com distribuição na maioria dos municípios brasileiros e percurso de atendimento a crianças e adolescentes integrando a rede de proteção.

NOSSAS REFERÊNCIAS

Livros e textos

ALEXANDRE, Cláudia. **Exu-Mulher e o matriarcado nagô**: sobre masculinização, demonização e tensões de gênero na formação dos candomblés. São Paulo: Aruanda, 2024.

ALEXANDRE, Cláudia. **Orixás no Terreiro Sagrado do Samba**: Exu e Ogum no candomblé da Vai-Vai. São Paulo: Aruanda; Griot, 2021.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BRASIL. [Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos]. [ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente. Versão digital.](#) Brasília, DF, 2021.

BROWN, Juanita; ISAACS, David; WORLD CAFÉ COMMUNITY. **The World Café**: a resource guide for hosting conversations that matter. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 2002.

CAJÉ, Marcos. **Os Ibejis Obi e Olú**.
Salvador: Editora Itabuna, 2019.

LAALU, Ricardo. **Ibeji**: a dança dos
gêmeos. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.

LICÁ, Márcia (org.). **Infâncias e leituras**:
presenças negras e indígenas na literatura
infantil. São Paulo: Pulo do Gato, 2024.
(Coleção Gato Letrado).

LUFT, Lya. **Perdas e Ganhos**. Rio de
Janeiro: Record, 2003.

Marcílio, Maria Luiza. A Santa Casa de
Misericórdia e a acolhida de crianças.
Revista de História, São Paulo, n. 133, p.
11-25, 1995.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**.
São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RUFINO, Luiz. **O tambor encantado dos
Ibejis**. São Paulo: Arole Cultural, 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO,
Manuel. As crianças e a infância: definindo
conceitos, delimitando o campo. In: As
crianças - contextos e identidades. Braga:
Bezerra Editora, 1997.

SILVA, Vanessa Cancian. **Tambor
transatlântico**: memórias e oralidades
da caiumba em Tietê (SP). 2024.

195 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe) – Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2024.

TEODORO, Helena. **Os Ibejis e o Carnaval**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.



Sites e material online

CRIA CORAGEM. [Cria Coragem: podcast](#). São Paulo, 2024.

CRIA CORAGEM. Instagram: [@somoscriacorem](#). São Paulo, 2024. Instagram: @somoscriacorem.

CRIA CORAGEM. **Áudios histórias:** [Os Ibejis enganam a Morte](#). São Paulo, 2024. 1 pasta de arquivos. 1 arquivo m4a.

[Criança e Natureza: acervo formativo](#). São Paulo, [202-].

FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL. [Programa Leia com uma Criança: acervo literário acessível destinado à infância](#).

[INSTITUTO ALANA](#). São Paulo.

INSTITUTO BIXIGA. [Home](#). São Paulo, [202-].

HUNI KUIN, Bukun Mapuá. [Eu plantei uma semente](#). Cifras.

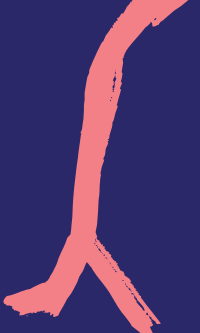
Videos e Filmes

[BRINCAR é Direito](#). Direção: Rafha Erichsen, 2021. [s. l.]: [s. n.], 2021. 1 vídeo (26 min).

[CRIANÇAS de Terreiro](#) - Redes educativas e diferenças. Direção e produção: Stela Guedes Caputo e crianças e jovens de terreiros. Apoio e Parceria: LCD (Laboratório de Comunicação Dialógica - UERJ). 2018.1 vídeo (10 min).

[DESIGUAIS | EP 1](#) | Mãe Beth de Oxum: Patrimônio Vivo. Entrevistada: Mãe Beth de Oxum. Entrevistadora: Carol Pires. 2025. 1 vídeo (30 min 47 s).

[TERRITÓRIO do Brincar](#). Trabalho de escuta, intercâmbio de saberes, registro e difusão da cultura infantil. [s. l.]: [s. n.], [20--].



CRIA CORA GEM

